

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de letras**  
**Curso de especialização em língua portuguesa**  
**Teorias e práticas de ensino de leitura e produção de texto**

Andreia Borges de Godoi Drska

**A visibilidade do preconceito contra o corpo de crianças autistas e seus impactos no ensino de linguagem.**

Belo Horizonte  
2023

Andreia Borges De Godoi Drska

**A visibilidade do preconceito contra o corpo de criança autista e seus impactos no ensino de linguagem.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto da Faculdade de Letras da UFMG.

Orientadora: Leiva de Figueiredo Viana Leal

Belo Horizonte  
2023



23/10/2023, 15:50

SEI/UFMG - 2710696 - Ata

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE LETRAS ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de  
Leitura e Produção de Textos**

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA ANDREIA BORGES DE  
GODOI DRSKA

Realizou-se, no dia 13 de outubro de 2023, às 10:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulada A visibilidade do preconceito contra o corpo de criança e seus impactos no ensino de linguagem, apresentado por ANDREIA BORGES DE GODOI DRSKA, número de registro 2020741754, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Prof. Jânio Carlos Soares de Souza e Profa. Crisane Dias Gonçalves Paula.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

( ) Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 13 de outubro de 2023.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora) / Prof. Janio Carlos Soares de Souza (MBA)  
Profa. Crisane Dias Gonçalves Paula (Mestra)



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 19/10/2023, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Crisane Dias Gonçalves Paula, Usuário Externo**, em 21/10/2023, às 19:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JANIO CARLOS SOARES DE SOUZA, Usuário Externo**, em 23/10/2023, às 14:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2710696** e o código CRC **DBF31BC5**.

Referência: Processo nº 23072.226705/2022-21

SEI nº 2710696

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Professora Leiva Leal. Pela parceria e por ser uma inspiração.

Aos professores e professoras do Programa Proleitura e à Cacilda. Pelo carinho e atenção dedicados aos alunos e companheiros de caminhada e porto seguro.

Aos meus colegas do Programa. Pela parceria nessa caminhada.

Aos meus pais. Por acreditarem em mim, até quando eu mesma não acreditava. Vocês são meus maiores exemplos.

Aos meus quatro pilares: André, Anderson, Adriano e Bruno. Anjos que tenho a sorte de chamar de irmãos.

Aos meus filhos, João e Ana. Por serem uma fonte de inspiração, serem companhia em aventuras, serem a escuta sincera e as palavras precisas.

Ao meu marido, companheiro de todas as horas, Moacir. Por ser a mão companheira, o espaço de paz, o ombro amigo. Por ser tranquilidade em mares agitados. Por ser meu grande amor.

Ao Tobias. Por continuar buscando comigo as respostas que ainda não conseguimos encontrar.

Aos meus alunos. Que as vozes de vozes continuem reverberando.

À vida. Sigo agradecendo!

## RESUMO

Este trabalho reflete sobre a divulgação, no contexto digital, de fake news relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além disso, busca-se compreender, a partir da análise do discurso empregado, qual o impacto dessa (des)informação para a comunidade autista, sua contribuição na solidificação de preconceitos e, conseqüentemente, como essa desinformação favorece o processo de marginalização dos sujeitos diagnosticados no espectro. O foco para esta reflexão será a categoria representação e da análise discursiva de texto (Adam, 2011) e do contexto (Van Dijk, 2012). Inicialmente, apresenta-se uma análise sobre como o enunciador constrói a imagem de mídia independente e em seguida como utiliza de referências externas para suportar as teses que pretende defender ao abordar a temática do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para tanto partimos da seleção de textos divulgados, no contexto digital, em especial no blog Comunidade Evolutiva. Busca-se compreender, a partir da análise do plano de texto e do contexto, qual o impacto dessa (des)informação para a comunidade autista, sua contribuição na solidificação de preconceitos e, conseqüentemente, como essa desinformação favorece o processo de marginalização dos sujeitos diagnosticados no espectro. Em primeira instância, foram observados os posicionamentos e conteúdos divulgados em sites voltados para a inclusão e educação sobre o transtorno. Em seguida, passou-se para uma breve análise de uma seleção de fake news, divulgadas no site Coletividade Evolutiva, que abordavam o autismo, bem como se ampliou o debate para além das fakes. Os resultados sugerem que há uma constância em se utilizar o autismo como um recurso de medo, a fim de propagar o movimento anti-vacina, o que favorece o fortalecimento do preconceito que retrata o transtorno como um mal a ser evitado e combatido.

**Palavras-chave:** Cultura Digital; Transtorno do Espectro Autista; Desinformação; Preconceito.

## **ABSTRACT**

This work reflects on the dissemination, in the digital context, of fake news related to Autism Spectrum Disorder (ASD). Furthermore, we seek to understand, based on the analysis of the discourse used, the impact of this (mis)information on the autistic community, its contribution to the solidification of prejudices and, consequently, how this misinformation favors the process of marginalization of diagnosed subjects. in the spectrum. The focus for this reflection will be the category of representation and discursive analysis of text (Adam, 2011) and context (Van Dijk, 2012). Initially, an analysis is presented on how the enunciator constructs the image of independent media and then how he uses external references to support the theses he intends to defend when approaching the topic of Autism Spectrum Disorder (ASD). To do so, we started with the selection of texts published, in the digital context, especially on the Comunidade Evolutiva blog. The aim is to understand, based on the analysis of the text and context, the impact of this (mis)information on the autistic community, its contribution to the solidification of prejudices and, consequently, how this misinformation favors the process of marginalization of subjects. diagnosed on the spectrum. In the first instance, the positions and content published on websites aimed at inclusion and education about the disorder were observed. Then, there was a brief analysis of a selection of fake news, published on the Coletividade Evolutiva website, which addressed autism, as well as expanding the debate beyond fakes. The results suggest that there is a constant use of autism as a resource of fear, in order to propagate the anti-vaccine movement, which favors the strengthening of prejudice that portrays the disorder as an evil to be avoided and fought.

**Keywords:** Digital Culture; Autism Spectrum Disorder; Misinformation; Prejudice.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	JUSTIFICATIVA.....	11
3.	OBJETIVOS.....	15
3.1.	Objetivo geral: .....	15
3.2.	Objetivos específicos: .....	15
4.	REFERENCIAL TEÓRICO .....	16
4.1.	O Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	16
4.2.	Do texto ao discurso.....	17
4.3.	O contexto .....	19
5.	METODOLOGIA.....	20
6.	ANÁLISE DOS DADOS .....	21
6.1.	Um caso entre muitos: O blog Coletividade Evolutiva.....	21
6.2.	A análise do texto.....	32
7.	Preconceito, notícias falsas e discriminação contra o autista: Análise de novos casos.....	34
7.1.	Caso 1- .....	34
7.2.	Caso 2.....	36
7.3.	Caso 3.....	37
8.	O que cabe à escola: Do ensino-aprendizagem da leitura dos textos na internet ao desvelamento da mentira que os fundamenta. ....	37
	Breves Considerações.....	40
	REFERÊNCIAS .....	42

## Onde tudo começou...

Na esquina da rua Bela Cintra com a rua da Consolação, em São Paulo, fica aquele prédio. Tijolo, concreto, ferro e memórias. Um monte delas. Afinal, elas fazem parte dos elementos fundadores e imprescindíveis de um prédio que abriga uma escola. Foi ali que conheci a professora Leni, com seu carrinho de feira cheio de livros. Suas aulas eram sempre iniciadas com a leitura de uma crônica de Carlos Heitor Cony. Era um tom de provocação: Olhem o mundo! Reflitam sobre ele! Sejam olhos, boca e ouvido! Sejam sujeitos e não objetos!

Nem sempre os jovens ouvidos conseguiram escutá-la. Mas, no fundo da sala, a professora contava com alguém que, muito mais do que aluna, era admiradora. Foi assim que vi nascer o desejo de um dia levar adiante o lema do “ser sujeito e não objeto”. Mas, a menina de 11 anos teve que esperar um pouco para se fazer professora e ser a guia do carrinho de livros da mestre Leni. A condução só veio 27 anos depois. Os corredores não eram os mesmos, mas eram tão repletos de memórias, sonhos e sentimentos quanto aqueles que, ainda hoje, ilustram a esquina da Consolação.

O ano era 2016. Comunidade do Heliópolis, São Paulo. Escola Estadual Jacques Maritain. 9º ano A. Se um dia alguém me perguntar, não terei a menor dúvida de responder que esse foi o lugar onde me descobri completa e com a plena certeza de que queria e acredito: a educação salva.

A escola é um espaço de sonho, de vida, de som e, também, de silêncio. A escola é lugar de conhecer as letras, os números, pessoas, amigos, o mundo, o igual e o diferente. A escola é transformar e transformar-se. Incluir-se. É presença. Um lugar que luta para ser abrigo de todos. Entretanto, nem sempre é possível vencer essa contenda. Nesses momentos, a escola pode se tornar solidão e a transparência pode ser sinônimo de invisibilidade.

Seis anos depois daquele primeiro encontro com a turma do 9º ano A, muitas experiências foram vividas. Conheci novas histórias, novos mundos. Aprendi e ensinei. Reconheci que há grupos que, apesar de todo o esforço feito, permanecem marginalizados, invisíveis, apartados, mesmo dentro da escola. Descobri que há forças e vozes externas que contribuem para a solidificação desses muros que mantém esses grupos do lado de fora. Fui tocada, em especial, pela realidade experienciada por aqueles que são considerados atípicos. E descobri que, diante



desse muro que aparta, não quero ser tijolo, mas sim marreta. Por isso, voltei meus olhos, corpo e alma para a busca de alternativas que favoreçam a inclusão social do aluno atípico, em especial daquele diagnosticado no espectro autista.

Minhas armas nessa guerra são as letras e meu objetivo é contribuir para o desenvolvimento da capacidade de adolescentes autistas, a partir do desenvolvimento do respeito a eles e às suas identidades. Para além disso, nutro a esperança de que, assim como aconteceu comigo, a sociedade reconheça-se inábil na capacidade de ouvir e reconhecer esses sujeitos e, a partir disso, se movimente para superar essa deficiência e desenvolva a capacidade de vê-los, ouvi-los, reconhecê-los e respeitá-los.

Mas, para que essa esperança se torne realidade, é preciso buscarmos quem são os agentes que agem na construção e solidificação do muro do preconceito. Afinal, tão importante quanto derrubá-lo, é mitigar as ações que o ampliam. Nesse sentido, este estudo busca analisar o discurso presente em textos divulgados em espaços que apresentam o autismo como efeito colateral de vacinas e/ou medicamentos, uma vez que esse discurso favorece o preconceito sobre a comunidade TEA, mantendo-a sempre na condição de objeto e enfraquecendo sua possibilidade de ser sujeito na sociedade

## 1. INTRODUÇÃO

O texto acima, com uma escrita altamente subjetiva, revela um pouco do que sonhei como educadora, do que desejei praticar, tal qual a professora Leni e do que resolvi abraçar, que é a educação e o zelo com os corpos autistas. Não tem sido uma tarefa fácil, principalmente quando se tem que lutar contra as redes sociais e uma mídia de redes que tudo recebe, que tudo cala, que tudo desmerece, tal como apresentarei mais à frente.

Acontece que, ao longo da sua vida, os seres humanos dependem de seus nexos com outros para sua sobrevivência material e psicológica e, também, para a construção de sua identidade social, como acontece com todos nós e com nossas crianças que vivem o espectro autista. Conforme a sociedade vai se tornando cada vez mais fragmentada e diversa, torna-se, também, muito intolerante, reacionária e preconceituosa, sem ter aprendido a importância de aprender a lidar bem com as relações interpessoais, sejam elas quais forem, para benefício dos indivíduos e para que se possa construir novas formas de cooperação e não de isolamento.

Educar em um contexto de profundas transformações que atingem atualmente a vida das pessoas, nos planos cultural, social, econômico, psicológico, emocional e de relações de interação humana, constitui um grande desafio a enfrentar. Até porque, com os avanços da ciência, da Inteligência Artificial (IA), de experimentos que ocultamente existem, não temos mais um mundo com segurança e nem se pode prever quais dessas mudanças permanecerão e continuarão a produzir consequências no futuro. E isso se torna especialmente crítico quando pensamos em como formar pessoas quando perdemos as referências tradicionais e quando a construção da identidade se torna uma conquista cotidianamente renovada. Como promover o desenvolvimento da capacidade de lidar com o mundo natural quando as realidades virtuais e os eventos simulados constituem as experiências mais frequentes na vida de cada um? Como formar pessoas que se comprometam com a humanidade e, não apenas, com os interesses e as necessidades pessoais ou de grupos sociais restritos? Como formar pessoas quando a vida está dividida em episódios e a ideia de projeto de futuro corre o risco de se tornar algo sem sentido?. Trata-se de preparar as pessoas para aprender a respeitar o ser humano e isso inclui tanto a escola no trato com os autistas, quanto às mídias que não se envergonham em manchar suas marcas, seus produtos, por interesses pessoais, em geral, monetários.

Basta um breve retrospecto na história para constatarmos que a divulgação de informações falsas ou desinformações sobre diferentes temas e pessoas circulam, com grande frequência e facilidade, em diferentes sociedades e contextos. Mais recentemente, as “inverdades” receberam um novo nome: Fake News. O termo se popularizou. Nesse sentido, não há, de fato, um compromisso com a verdade, mas sim, com a divulgação daquilo que é mais favorável ao discurso que garante o sucesso do projeto que se pretende implantar. Importa dizer que, por um lado, não se trata de uma estratégia inédita, mas, por outro, Assumimos o que Rasquel (2020) nos desvela, a partir de um estudo da Universidade de Regina, no Canadá: que as pessoas consomem e disseminam notícias que dialogam com suas crenças e valores, sejam elas verdadeiras ou não. Ou seja, os conceitos de falso e verdadeiro dialogam mais com interesses pessoais do que com a verdade. No entanto, não basta o questionamento sobre as notícias falsas, mas é preciso que o próprio conceito de notícia seja melhor explicitado :

A notícia não é o fato em si: é uma encenação, é um processo de construção discursiva com o propósito de recriar, por meio da linguagem, o recorte feito por quem narra, o qual virá impregnado da visão de mundo do narrador, além de obedecer a critérios que satisfazem os interesses de grupos e retornos financeiros, seja com a própria notícia ou com o resultado que ela pode acarretar. (Magri; Locatelli, 2020, p. 119)

Hernandes (2006) afirma algo parecido: a verdade na notícia, ou no jornalismo, é um efeito discursivo. Para ele cada pessoa interpreta o mundo de uma forma, isto é, tem uma visão da realidade do mundo. Logo, a realidade é uma questão problemática e cada jornal apresenta o seu conteúdo como verdadeiro, como os fatos devem ser interpretados. O jornal busca, por meio do que noticiou, fazer que o leitor aceite uma representação da realidade, porém, para isso, devem ser cúmplices e partilhar de uma mesma visão de mundo .

O presente estudo parte de alguns pilares que o sustentarão, em relação aos destinos da escola: o primeiro é tomar a educação como espaço-tempo na luta pela democracia e pela dignidade humana; em especial aqui, aos que vivem o autismo; o segundo é levar a efeito uma reflexão que só a escola tem melhores condições de fazer, que é discutir o papel da linguagem e de seus usos nos contextos reais de vida e o terceiro, que a escola consiga entender os sinais dos tempos , na escuta e na leitura crítica de notícias veiculadas nas redes sociais, chegando, o máximo possível,

à educação midiática crítica. Para além de meu compromisso ético em relação ao respeito humano e, nesse trabalho, aos que sofrem autismo, aulas no Curso de Especialização e Leitura e Produção de Texto, ao qual se liga esse trabalho, foram determinantes para a escolha metodológica desse trabalho. Impossível não relacionar sentidos e enunciações discursivas sobre o tema aqui escolhido, ao refletir a partir da Análise do Discurso, das Teorias sobre Leitura, sobre Gêneros Discursivos e suas funções na contemporaneidade, tendo como pano de fundo os ensinamentos de Freire:

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. (Freire, 2019, P.19)

A partir disso, este estudo reflete sobre como o discurso presente em uma página na internet aborda, com relativa frequência, o tema do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e como é organizado para favorecer a disseminação de informações falsas e a perpetuação da estigmatização do sujeito autista. O corpus do estudo foi retirado da página de internet “Coletividade Evolutiva”, que se apresenta como uma mídia independente e alternativa.

## 2. JUSTIFICATIVA

A intolerância sempre acompanhou a história da humanidade, desde a Antiguidade Clássica, em que os romanos subjogavam outros povos por meio da imposição de sua cultura e civilização, consideradas superiores. Seja qual for a intolerância vivenciada no Brasil e no mundo, por princípio jurídico universal, fere o artigo 7º da Declaração Universal dos Direitos Humanos e se caracteriza pela falta de informação e vontade em conhecer e respeitar as diversidades. A sociedade parece estar se esquecendo do quanto é importante, para um bom convívio social, aceitar, ser indulgente e clemente com os outros ou, melhor dizendo, exercitar a tolerância. E essa intolerância se relaciona com o sujeito moderno em sua condição de pensar o mundo, como afirma Larossa:

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. (Larossa, 2002,P.21)

Chegamos, assim, ao que Vieira (2020) denomina “Desordem informacional” que é, segundo a autora, um conjunto, um ambiente, um ecossistema recheado de informações equivocadas, desinformação e informação mal-intencionada, cada um dos elementos são coisas diferentes. Ainda, segundo Vieira (2020), o fenômeno apresentado é composto por três tipos de desordem informacional: desinformação, informação equivocada e informação mal-intencionada.

a) Desinformação (união das duas abaixo – equivocada e mal-intencionada) são informações falsas e deliberadamente criadas para prejudicar pessoas, grupos sociais, organizações ou países; possuem um falso contexto, conteúdo falso, conteúdo manipulado ou fabricado.

b) Informações equivocadas são informações falsas, mas não criadas com a intenção de causar danos; possuem conexões falsas, conteúdo enganoso.

c) Informações mal-intencionadas são informações baseadas na realidade, são genuínas, mas usadas para infligir danos a uma pessoa, organização ou país, a exemplo de vazamentos, assédio, descontextualização, difamação, discurso de ódio, etc.

O que se encontra por trás dessas questões é a necessidade de tomar a linguagem como discurso, a partir da qual se pode formar pessoas mais preparadas para o convívio com a linguagem, entendendo-a como produtora de variados sentidos, com diferentes intencionalidades. Orlandi(2009) alerta a respeito dos dizeres:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação ao dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (Orlandi, 2009, p. 30).

Uma das maiores justificativas encontra-se na necessidade do desvelamento das fake news . De acordo com a Revista Isto É, de maio de 2018, um estudo realizado pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) concluiu que as fake news se disseminam seis vezes mais rápido que notícias verdadeiras, e mostra que 70% das informações falsas têm mais chance de serem compartilhadas. Na primeira década do século, a disponibilidade ao alcance de banda larga de alta velocidade transformou a internet no meio mais barato e mais rápido de publicação já inventado em algo que teria um impacto cultural, comportamental e filosófico muito mais profundo. (D'ancona, 2018, p.50)

Some-se a isso que quatro em cada dez brasileiros afirmam receber fake news diariamente, mostrou uma pesquisa publicada pela Poynter Institute na última quinta-feira (11). O estudo foi feito com apoio do *Google* e apontou ainda que mais da metade dos entrevistados (62%) - provenientes de diferentes países -acreditam receber informações enganosas online toda semana. Não há informações sobre o meio em que essas mensagens chegam aos participantes - que envolvem homens e mulheres de todas as gerações (acima de 18 anos). Matéria recente publicada pelo O Globo, em 02/04/2023, informam que 44% dos brasileiros dizem receber fake news diariamente. Ao mesmo tempo trazem dados que indiciam uma mudança de comportamento no Brasil: o

interesse pela busca por “checagem dos fatos”.

Contudo, a ‘engenharia social’ por trás da indústria de ‘fake news’ promove a falácia da dicotomia. Engendrar e manter crenças falsas interessa muito para o mecanismo de produção das ‘fake news’, porque a partir daí não há mais lugar para a argumentação e pensamento crítico.

Quais são os mecanismos psicossociais dos quais a indústria de ‘fake news’ se utiliza? Precisamente os mecanismos de viés cognitivo, como por exemplo o viés de confirmação, ou tendência de aceitar somente informações que apoiam suas crenças, ao mesmo tempo rejeitando sumariamente informações que as contradigam. Uma vez instalada uma crença falsa, as pessoas em geral não conseguem mais se livrar delas. (Carnielli, 2019, p.17)

A produção de “notícias falsas”, de forma intencional e organizada, não se restringe ao ambiente político. Na recente história do país, não faltam exemplos de fake news que interferiram nos rumos de diferentes áreas, entre elas a educação, a segurança e a saúde.

Assumimos que a produção de informação falsa é uma realidade que acompanha a história. Importa, aqui, destacar o quanto, desde o surgimento, as redes sociais - típicas da cultura digital - vêm contribuindo para que essas “notícias” tenham um alcance muito maior e uma propagação mais rápida. Porém, é preciso destacar que nem sempre essa informação é pautada em fatos. Por vezes, ela é orientada por interesses pessoais. Ou seja, o ciberespaço apresenta-se como um terreno fértil e amplo para a disseminação de diferentes versões da “verdade”.

E, nessa guerra de narrativas, é preciso assumir que grupos minoritários frequentemente silenciados e marginalizados, ficam ainda mais vulneráveis. Nesse sentido, a justificativa maior que se põe nesse momento é que cabe à sociedade organizada e à escola, em especial, entenderem que há algo a mais que ensinar e aprender conteúdos: é preciso aprender a ver, porque esse ato não é natural. Precisa ser aprendido. Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente. São as crianças que, sem falar, nos ensinam as razões para viver. Elas não têm saberes a transmitir. No entanto, elas sabem o essencial da vida, assim refletiu Rubem Alves, em uma palestra, em 2019. 2º encontro pedagógico de escolas Municipais de Fortaleza :

Educar para a compreensão: Educar o olhar, então, significaria conscientizar-se e tornar-se desperto, significaria alcançar uma melhor compreensão. Não significa nos tornarmos conscientes ou despertados, mas sim nos tornarmos atentos, significa prestar atenção, abrir nossos olhos é ver aquilo que é evidente; trata-se, como eu diria, de estar ou tornar-se atento ou expor-se. (Alves, 2019, s/p)



### **3. OBJETIVOS**

Do exposto, elegemos os seguintes objetivos:

#### **3.1. Objetivo geral:**

Analisar o fenômeno das fake news como discursos do domínio midiático de intolerância à diferença

#### **3.2. Objetivos específicos:**

- Analisar textos midiáticos , tomando a linguagem em sua dimensão discursiva;
- Contribuir para a orientação da identificação de discursos de ódio, analisando-os na perspectiva dos efeitos desses discursos;
- Incentivar a pesquisa sobre temas que abordam questões de preconceito e de discriminação social, em abordagem interdisciplinar;
- Promover reflexão sobre a função social da educação e do papel da escola na formação de sujeitos críticos, tolerantes e transformadores.

## 4. REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1. O Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A temática do autismo vem sendo abordada em pesquisas acadêmicas desde a década de 1940. De acordo com Ponce e Abrão (2019), o termo autismo foi citado, pela primeira vez, por Bleuler, para referir-se à sintomas associados à esquizofrenia. Desde então, muitas outras pesquisas foram feitas sobre o assunto, que foi, inicialmente, dividido em duas principais correntes teóricas: a teoria de natureza psicogênica e a teoria de natureza organogênica (Kupfer, 1999, apud Ponce e Abrão).

Na perspectiva psicogenética, de Henry Murray (1893-1988), a personalidade é influenciada por motivos, pressões e necessidades de responder de uma certa maneira, em determinadas circunstâncias. Sendo assim, a personalidade é um reflexo de comportamentos controlados por necessidades e o autismo é resultado desse determinado conjunto de circunstâncias e comportamentos. Por outro lado, a teoria de natureza organogênica, que tem como principais representantes Rutter e Wing, entende que o autismo é resultado de uma disfunção bioquímica, genética ou neuropsicológica.

Em 1979, Gould e Wing defenderam a tese do autismo como sendo uma síndrome que compromete a interação e compreensão social; a comunicação e a imaginação; e interfere na seleção de interesses e comportamentos restritos, compondo uma tríade sintomática. Em 2014, o Manual de Diagnósticos e Estatísticas dos Transtornos Mentais (APA-2014) definiu o TEA como o conjunto de diagnósticos que abrange o autismo, a Síndrome de Asperger ou outro transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação.

Ainda que a literatura sobre TEA apresente diferentes teorias, há um consenso sobre a tríade sintomática que os sujeitos diagnosticados dentro do espectro apresentam. Assim, é possível entender as barreiras sociais comuns a todos que estão dentro do transtorno, independentemente do diagnóstico. Importa dizer que pode haver variação de grau nessa tríade.

O Brasil ainda não possui um levantamento sobre a quantidade de cidadãos diagnosticados no espectro, por isso parte de um estudo realizado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, e estima que, atualmente, o país tem, aproximadamente, dois

milhões de brasileiros dentro do espectro autista. Sendo que, boa parte dessa população não tem diagnóstico, logo não tem acesso ao acompanhamento necessário para garantir sua inclusão social. Em 2022, pela primeira vez, o censo do IBGE abordará o autismo em suas perguntas.

A lacuna sobre informações precisas, tanto sobre o tamanho da comunidade autista quanto sobre o TEA, favorece um campo fértil para a disseminação da desinformação e do preconceito sobre a temática. De maneira geral, essas falsas informações versam sobre possíveis causas e curas milagrosas. Serve , como exemplificação, o que é um corpo autista em uma situação de sala de aula, em registro produzido por Campos(2020), em seu relatório de acompanhamento de sua aluna :

Estávamos saindo da aula de Teatro e caminhando em direção à sala da aula de Música. Chegamos e o professor solicitou que sentássemos no chão formando um círculo. Apresentou à meninada alguns instrumentos musicais que compunham o ritmo chorinho. Pediu que cada um/a pegasse um, observasse as características e lesse o nome de cada um. Os instrumentos foram sendo passados de mão em mão. Madá, ao pegar um dos instrumentos, pandeiro, ficou abraçando-o como se estivesse ninando. Apesar de não ter falado nada estava com a testa franzida. Pedi a ela o instrumento para passar para outro colega. Madá abraçou o instrumento ainda mais forte. O professor chegou até ela e disse que ela precisava passar o instrumento para ele poder continuar a aula. Madá me olhou e eu pedi a ela que passasse. Ela continuou com o olhar firme para mim. Como ela não soltava o professor pediu a ela que falasse qual era o nome do instrumento para os colegas aprenderem. Ela olhava para o nome e o abraçava. O professor insistiu para que ela lesse. Os colegas começaram a dizer: -“Vai Madá, vai Madá! ”. E nada. Fui tentando ler com ela e ela dizia: - Ô, Lilinha”. O professor disse que a aula não podia parar e que tinham muita coisa para conhecer ainda. Cheguei até Madá e pedi a ela para emprestar o pandeiro para os colegas também conhecerem. O professor se aproximou e o levou. Madá foi acompanhando o pandeiro e dizendo bem baixinho “Ô, Lilinha! Ô, Lilinha” e não pegou mais nenhum instrumento. Perguntei a ela quem era Lilinha e ela respondeu que era sua filhinha. O professor tentou entregar-lhe outro instrumento e ela não pegou. Ele insistiu para que ela pelo menos lesse o nome do instrumento e não adiantou. (Diário de Campo, 03 de março de 2020).

Madá só queria amar a sua filhinha.

#### **4.2. Do texto ao discurso**

Marquesi et al (2019) nos desvelam que os conceitos de plano de texto e de contexto vêm sendo discutidos pela Linguística textual em duas diferentes frentes: a Análise Textual dos Discursos (Adam, 2011) e a Sociocognição (Van Dijk,2012). As autoras afirmam que a capacidade de fornecer critérios que favorecem

a análise de diferentes gêneros textuais e discursivos é o que torna esses conceitos tão atrativos para a ciência. Tal perspectiva reforça a importância de estudarmos o plano de diferentes textos e, a partir dos critérios estabelecidos, construir possibilidades de interpretação do próprio texto e do contexto no qual ele circula. Uma vez que adotamos o que nos desvela Adam (2011), ao afirmar que o plano de texto desempenha papel fundamental na composição macrotextual do sentido, entendemos que o estudo do plano de texto é também o estudo do sentido que se pretende transmitir.

Este artigo considera o plano de texto como um critério analítico que permite identificar diferentes tipos de organização textual, além de sua relação com atividades de leitura e escrita (MARQUESI, 2016, 2018; CABRAL, 2013, 2016a, 2016b, 2018; RODRIGUES, 2016; RODRIGUES; MARQUESI, 2016; MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2017; SOARES; RODRIGUES, 2018).

Marquesi et al (2019) recorrem a Adam para afirmar que o estudo das sequências textuais – unidades textuais complexas compostas por um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados, que se relacionam umas com as outras dentro da estrutura hierárquica complexa da sequência – é parte integrante e determinante para o estudo do plano de texto. Aqui, assume-se a premissa de que todo plano de texto é único e composto por diferentes sequências textuais organizadas em função da argumentatividade presente no texto. Cavalcante et al (2022) corroboram com este entendimento e afirmam que a sequência textual diz respeito às proposições de sentido que são enunciadas por um falante em um ato comunicativo. As autoras apontam, ainda, para o fato de que cada sequência textual se organiza a partir de um determinado objetivo: narrar, argumentar, descrever ou explicar e que há, no texto, uma heterogeneidade de sequências, ainda que uma delas predomine.

Para Adam (2011), a análise das sequências textuais é feita a partir do exame dos enunciados em três diferentes dimensões: enunciativa, referencial e ilocutória. Cavalcante et al (2022) nos auxiliam na compreensão dessa afirmação ao explicar que a dimensão enunciativa se refere à organização dos enunciados em função dos atores da cena enunciativa (o que se diz, para quem se diz, em que momento se diz, a partir de quem se enuncia). O referencial, por sua vez, é o resultado que o interlocutor alcança no fim do contato com o texto, assim não é algo dado, mas co-construído. E, por fim, o ilocutório refere-se aos propósitos implicados na ação do

dizer. As autoras concluem que são essas três dimensões que determinam a orientação argumentativa de um texto, reforçando que essa é uma condição que está sempre presente em todos os textos. Ou seja, independentemente da sequência textual que predomina em um texto, nele sempre haverá, ao menos, a dimensão argumentativa e, conseqüentemente, discursiva, porque é sempre uma busca de efeito de sentidos.

Na perspectiva sociocognitiva-interacional da Linguística textual, assume-se que, para além das estruturas típicas de cada gênero, a plano de texto também sofre a influência da comunidade discursiva na qual circula. Dessa forma, a abordagem de Adam permite uma análise mais aprofundada da estrutura textual, levando em consideração não apenas os elementos linguísticos, mas também os aspectos sociais, cognitivos e interacionais envolvidos na produção e compreensão de textos.

#### **4.3. O contexto**

Marquesi et al (2019) nos trazem a abordagem sociocognitiva proposta por Van Dijk para diferenciar o conceito de contexto. Para o autor, contexto é algo construído pelos participantes da cena comunicativa, de modo individual, pessoal e subjetivo, com base em um modelo mental, que define e controla a percepção e compreensão dos textos com os quais interagem. Marquesi et al (2019), esclarecem ainda que Van Dijk (2014) definiu esse conceito como modelos de contexto. As autoras esclarecem que, a partir dessa definição, o contexto passa a ser entendido como a representação mental que os participantes da interação fazem dos elementos sociais extralinguísticos ao tomarem contato com o texto.

Nesse sentido, assume-se que os participantes da interação são coprodutores de sentido do texto, uma vez que o interpretam a partir de objetivos pessoais, conhecimentos, experiência e discursos que atravessam cada sujeito da cena comunicativa. Assim, interessa saber quem produziu o texto? Em qual contexto se deu a produção? Qual perfil de leitor foi projetado na produção? Quais conhecimentos e experiências de vida que se imagina que esse leitor idealizado possui? O quanto se imagina que esse leitor é capaz de identificar o(s) discurso(s) que fundamenta(m) tal texto?

Marquesi et al (2019) trazem também o conceito da teoria de “mecanismo-K”, de Van Dijk (2012), que esclarece que em seu processo de produção textual, o sujeito

lança mão de alguns mecanismos para balancear as informações que pretende transmitir, definindo aquelas que devem ficar implícitas, pois se assume que são compartilhadas com o leitor; e, aquelas que devem ser transmitidas de forma explícitas, pois se parte do pressuposto que não são do domínio do leitor. Nesse sentido, assume-se que as informações solidificadas no entendimento dos participantes não precisam ser retomadas, pois ao não serem contestadas, são reafirmadas. Mas, o que isso representa para aqueles grupos minoritários que, frequentemente, são alvos de estigmatização.? E, ainda mais, o que representa o reforço desses estigmas em textos veiculados na mídia digital e, pretensamente, endossados por especialistas do assunto?

Como nos desvela Marquesi (2019), o que nos faz compreender um texto é a nossa capacidade de construir um modelo mental do acontecimento referido. Assim, conforme a autora, ao recorrer a Van Dijk (2011), os modelos são compostos de poucas categorias: cenário (tempo, lugar), participantes – em sua dimensão individual e coletiva – e evento. As autoras apontam ainda para a impossibilidade de se pensar o plano de texto sem considerar o contexto e vice-versa. Ou seja, há que se entender o texto e a cena comunicativa dentro do contexto que em ela ocorre. Não basta ler o que escreveu, há que se saber quando foi escrito, por quem, para quem, para quê. A quem aquele discurso favorece? Quais objetivos ele pretende atingir? Quem são os preferidos e preteridos desse discurso?

## **5. METODOLOGIA**

Do ponto de vista metodológico, de acordo com Trivinõs, (1987), a presente pesquisa pode ser classificada como descritiva, por exigir do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Os estudos descritivos são os que mais se adéquam aos levantamentos. Exemplos são os estudos de opiniões e atitudes (Gil, 1994). Nesse sentido, além da descrição, opera com uma abordagem qualitativa, pois estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, no caso, o crescimento e a disseminação de fake news. No caso do presente estudo, insere-se, ainda, no que se chama de pesquisa educacional crítica, que, nas orientações da teoria crítica de Freire leva o pesquisador à arte de abrir os olhos –

libertando e mobilizando o olhar, ou seja, a arte de apresentar, de fazer presente. Essa perspectiva teórica visa, de modo geral, expor como se manifestam as relações de poder e desigualdade econômica, social e política em suas complexidades, bem como problematizá-las em espaços educacionais formais e não-formais à política do reconhecimento – lutas culturais contra a dominação e lutas pela identidade, precisam ser consideradas em conjunto.

A educação voltada ao olhar de Freire torna-se uma forma de ação que une as linguagens da crítica e da possibilidade, além de representar a necessidade de um comprometimento por parte dos educadores em tornar o político mais pedagógico, ou seja, tornar a reflexão e ação crítica partes de um projeto social que não inclua apenas as formas de opressão, mas também desenvolva uma fé profunda permanente na luta para a superação das injustiças sociais na busca da humanização da própria vida. (Vicentini, 2021, P.40)

A pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser objetivado, ou seja, busca dar ênfase ao subjetivo como meio de compreender a totalidade de fenômenos muitas vezes jamais percebidos se não alcançarem o processo do acontecimento. No fundo, é uma luta contra um positivismo que graçou por anos em pesquisas educacionais.

## **6. ANÁLISE DOS DADOS**

### **6.1. Um caso entre muitos: O blog Coletividade Evolutiva**

O resultado mais frequente sobre fake news e autismo na internet traz o caso de um estudo inglês que apontava a tríplice vacina, que protege contra sarampo, caxumba e rubéola, como uma possível causa do TEA. Essa fake news teve início em 1998, quando o médico Andrew Wakefield divulgou, em um artigo científico, seu estudo com doze crianças que teriam passado a apresentar sintomas de autismo, após a vacinação.

A retratação do artigo só aconteceu doze anos depois. Junto a ela, ocorreu a perda da licença profissional médica de Wakefield. O caso foi entendido como fake news por conta do conflito de interesse do médico que, antes da divulgação do artigo, dera entrada no pedido de patente para uma nova vacina contra o sarampo. Além

disso, Wakefield, principal pesquisador do estudo que relacionava a tríplice vacina e o autismo, tinha sua pesquisa financiada, principalmente, por advogados que defendiam pais que processavam os laboratórios fabricantes de vacinas.

O pedido do registro da nova vacina e a relação com os advogados corroboram para a conclusão de que havia uma intencionalidade - marcada por interesses pessoais e financeiros - na propagação da ideia de que a tríplice vacina não era segura e “condenava” as crianças à condição de autistas. Nesse sentido, é possível perceber a construção de uma ideia do espectro como um mal que precisa ser combatido e temido: o efeito colateral de uma experiência científica malsucedida. Assim, há o fortalecimento de um preconceito que compromete a inclusão do autista na sociedade. Sugere-se que os esforços sejam voltados para combater o TEA e não para conhecer as nuances que compõem o transtorno.

De acordo com agência de checagem “Aos fatos”, ainda hoje, mesmo tendo sido desmentido, repetidamente, em pesquisas referenciadas, o artigo está na base de argumentação do movimento anti-vacina. Cabe destacar que, em 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) incluiu esse movimento entre as dez maiores ameaças à saúde.

A iniciativa “Autismo e Realidade”, uma associação de pais e profissionais da saúde, que, desde 2010, se propõe a difundir o conhecimento sobre o TEA, destaca, em seu espaço de informação, o quanto esse estudo de Wakefield, mesmo depois de refutado cientificamente, ainda serve como base para outros mitos relacionados aos supostos efeitos nocivos das vacinas e destaca que, no contexto digital, o discurso que põe em dúvida os benefícios das vacinas ganhou outros contornos. Esse novo desenho pode ser visto durante a pandemia da Covid-19, contexto que apresentou diversas fake news relacionando a vacina e o autismo e ganhou força nas redes sociais.

Se, por um lado, há o movimento da criação de espaços de informação como o “Autismo e Realidade”, por outro, há iniciativas que se propõem a divulgar uma versão/leitura bastante diferente dos fatos e dados.

Tomemos, como exemplo, o site de “notícias” Coletividade Evolutiva, a iniciativa apresenta-se com o seguinte texto:

Coletividade Evolutiva publica conteúdos de opinião baseado em fatos e evidências e de possíveis soluções e alternativas que podem ajudar a pensar de forma crítica, educar e a evoluir. Publicamos informações que nos



desafiam o pensamento e os nossos preconceitos.

Tem como objetivo, tornar as informações públicas ao mesmo tempo, em que preza pela liberdade humana, ligado ao dever de informar e ao desafio de superar qualquer limitação ou censura, sem descuidar das principais regras éticas que nos regem. Nosso objetivo é mostrar a verdade, trazer informações que abrangem diversos setores da sociedade. Visamos apenas exercer os seus direitos constitucionais de liberdade de expressão do Art. 5º e do Art. 220.

O discernimento e o pensamento crítico são vitais. Não acreditamos em tudo o que vemos, ouvimos e lemos, e também não encorajamos você a acreditar – mesmo que seja aqui na Coletividade Evolutiva. Incentivo nossos leitores a questionar toda e qualquer informação que cruze seu caminho, assim como questionamos as informações que cruzam o nosso.

Mas o mais importante, nós o encorajamos a seguir sua intuição. Só você sabe o que é ideal para você, então, porque não fazê-lo, seja e viva!

(Coletividade Evolutiva, 2022, s.p)

Na parte inferior do site, em letras menores, fica registrado que:

Todo o conteúdo publicado neste site é um comentário ou opinião e está protegido pela Liberdade de Expressão Art. 5º e pelo Art. 220 da Constituição Federal. As informações contidas neste site são fornecidas apenas para fins educacionais e de entretenimento. Não se pretende que seja um substituto para aconselhamento profissional de qualquer tipo. coletividade-evolutiva.com.br, não é responsável pelo conteúdo escrito por autores colaboradores.coletividade-evolutiva.com.br não assume nenhuma responsabilidade pelo uso ou uso indevido deste material. O uso deste site indica sua concordância com estes termos e aqueles publicados aqui. Seu uso deste site constitui um acordo com nossos termos e condições. Todas as marcas comerciais, marcas registradas e marcas de serviço publicadas neste site são de propriedade de seus respectivos proprietários. (Coletividade Evolutiva, 2022, s.p)

## Home

# Sobre

Coletividade Evolutiva é uma mídia alternativa e independente, fundada por Fábio Alves, visando compartilhar informações que podem ajudar a pensar de forma crítica, educar e a evoluir. Publica informações que nos desafiam o pensamento e os nossos preconceitos: cobrindo tópicos que acreditamos serem os mais importantes hoje; saúde, fatos, evidências, geopolítica, soberania e nossos direitos humanos, sustentabilidade social, meio ambiente e muito mais.

Tem como objetivo, tomar as informações públicas ao mesmo tempo, em que preza pela liberdade humana, ligado ao dever de informar e ao desafio de superar qualquer limitação ou censura, sem descuidar das principais regras éticas que nos regem. Objetivo é mostrar a verdade, trazer informações que abrangem diversos setores da sociedade. Visamos apenas exercer os direitos constitucionais de liberdade de expressão do [Art 5º](#) e do [Art 220](#).

*Fundador e CEO: Fábio Alves*

*O discernimento e o pensamento crítico são vitais. Não acreditamos em tudo o que vemos, ouvimos e lemos, e também não encorajamos você a acreditar – mesmo que seja aqui na Coletividade Evolutiva. Incentivo nossos leitores a questionar toda e qualquer informação que cruze seu caminho, assim como questionamos as informações que cruzam o nosso.*

*Mas o mais importante, encorajo a seguir sua intuição. Só você sabe o que é ideal para você, então, porque não fazê-lo, seja e viva!*

Se conecte conosco nas redes | [Instagram](#) | [Twitter](#) | [Telegram](#) | [BomPerfil](#) | [GETTR](#) | [LikaBout](#)

[SOBRE](#) | [CONTATO](#) | [NOS APOIE](#) | [PRIVACIDADE E TERMOS](#) | [INSCREVA-SE E-MAIL](#) | [ANUNCIAR AQUI](#)

Tudo o conteúdo publicado neste site é um comentário ou opinião e está protegido pela Liberdade de Expressão Art 5º e pelo Art 220 da Constituição Federal. As informações contidas neste site são fornecidas apenas para fins educacionais e de entretenimento. Não se pretende que seja um substituto para aconselhamento profissional de qualquer tipo. coletividade-evolutiva.com.br não é responsável pelo conteúdo escrito por autores colaboradores.coletividade-evolutiva.com.br não assume nenhuma responsabilidade pelo uso ou uso indevido deste material. O uso deste site indica sua concordância com estes termos e aqueles publicados aqui. Seu uso deste site constitui um acordo com nossos termos e condições. Todas as marcas comerciais, marcas registradas e marcas de serviço publicadas neste site são de propriedade de seus respectivos proprietários.

Imagem do site. Disponível em: <https://www.coletividade-evolutiva.com.br/p/sobre-nos.html>. Acesso em 18/06/2023, às 18h19.

Para a organização do plano de texto que selecionamos a título de exemplificação, concorrem elementos como título (Sobre); parágrafos, em um total de 5; sequências textuais (destacadamente descritivas e argumentativas), organizadores e conectores textuais e pontuação.

Título: Sobre

A palavra “sobre” é polissêmica. Aqui, ela se comporta como uma preposição de tema ou assunto e indica que o texto tratará sobre algo. Na perspectiva de Adam, a escolha do título “sobre” remete à ideia de que em seguida se apresentará uma sequência textual descritiva sobre algo, no caso uma sequência que descreverá a própria página “Coletividade Evolutiva”. Trata-se, portanto, de um tópico temático que direciona a atenção do leitor para o assunto geral do texto.

1º parágrafo: Coletividade Evolutiva publica conteúdos de opinião baseado em fatos e evidências e de possíveis soluções e alternativas que podem ajudar a pensar de forma crítica, educar e a evoluir. Publicamos informações que nos desafiam o pensamento e os nossos preconceitos.

O parágrafo tem a função de apresentar ao leitor a proposta e o propósito da página. Trata-se de uma sequência descritiva que, inicialmente, designa a página ao nomeá-la, fazendo com que o leitor tome conhecimento do tema ali abordado. Em seguida, passa-se à definição: “publica conteúdos de opinião baseados em fatos e evidências de possíveis soluções e alternativas que podem ajudar a pensar de forma crítica, educar e a evoluir”. Por fim, temos a individualização: “publicamos informações que nos desafiam o pensamento e os nossos preconceitos”.

Neste parágrafo, podemos observar a operação de aspectualização (Adam, 2011), que visa evidenciar as qualidades da página que se apresenta como o espaço que “pode ajudar a pensar criticamente, educar, evoluir, desafiar os preconceitos”.

Como nos desvela Marquesi (2004), na designação da página já é possível observar uma orientação argumentativa, ao afirmar que a página apresenta textos opinativo baseados em fatos e evidências e que pretende desafiar o pensamento e os preconceitos.

O texto apresenta uma escolha lexical voltada para transmitir suas ideias, como "opinião baseada em fatos e evidências", "desafiar o pensamento", "limitação ou censura", "regras éticas", entre outros. O estilo de linguagem é objetivo e informativo, mas também busca envolver o leitor de forma persuasiva, encorajando-o a pensar criticamente e agir de acordo com sua intuição.

Importa dizer, entretanto, que ao tratar do tema do TEA, o que se percebe na página vai de encontro ao que se apresenta como propósito desse espaço de comunicação, já que predominantemente há o reforço de informações já cientificamente refutadas e de preconceitos que circulam na sociedade e favorecem a exclusão do sujeito autista.

Para além disso, convém comentar que o texto se alterna entre a primeira pessoa e a terceira pessoa. Por um lado, há o processo de individualização, quando o autor se coloca como participante e cria a sensação de proximidade e subjetividade, permitindo que o autor compartilhe sua perspectiva pessoal com o leitor. Por outro lado, ao utilizar

a terceira pessoa, o autor se distancia e sugere que há uma perspectiva objetiva e impessoal, portanto há uma neutralidade naquilo que se pretende transmitir.

2º parágrafo: Tem como objetivo, tornar as informações públicas ao mesmo tempo, em que preza pela liberdade humana, ligado ao dever de informar e ao desafio de superar qualquer limitação ou censura, sem descuidar das principais regras éticas que nos regem. Nosso objetivo é mostrar a verdade, trazer informações que abrangem diversos setores da sociedade. Visamos apenas exercer os seus direitos constitucionais de liberdade de expressão do [Art. 5º](#) e do [Art. 220](#).

No segundo parágrafo, o tema objetivo é retomado e acrescentado um posicionamento contrário ao que o autor chama de “limitação ou censura”. Como em uma declaração de que a página existirá ainda que vozes contrárias tentem silenciá-la.

Ao considerarmos o plano do texto, percebemos uma sequência argumentativa que declara que o objetivo é “mostrar a verdade e exercer os seus direitos constitucionais de liberdade de expressão”.

Vale destacar que ao se referir à ética, o autor declara não descuidar das principais regras que “nos regem”. Nesse sentido, há uma pessoalização do conjunto de regras que define a ética. Para defender esse posicionamento, o autor cita um artigo da Constituição, numa clara referência em um argumento de autoridade, com isso o texto busca respaldo nas leis e princípios fundamentais estabelecidos por ela para fortalecer seu argumento, explicitando mais uma vez o imbricamento da dimensão argumentativa dentro de um texto em que predomina a sequência descritiva.

Este parágrafo tem como principal objetivo a defesa do que o autor entende ser liberdade de expressão. Essa referência à Constituição é uma forma de estabelecer uma base sólida para o argumento, enfatizando que as opiniões e informações compartilhadas pela Coletividade Evolutiva estão respaldadas pelos princípios fundamentais do ordenamento jurídico.

3º parágrafo: O discernimento e o pensamento crítico são vitais. Não acreditamos em tudo o que vemos, ouvimos e lemos, e também não encorajamos você a acreditar – mesmo que seja aqui na Coletividade Evolutiva. Incentivo nossos leitores a questionar

toda e qualquer informação que cruze seu caminho, assim como questionamos as informações que cruzam o nosso.

O terceiro parágrafo apresenta, dentro da dimensão argumentativa, o ponto de vista do autor sobre discernimento e pensamento crítico e, para além disso, há um “convite” para que o leitor adote a mesma postura frente a tudo o que vê, ouve e lê. Estabelece-se aqui um diálogo com o leitor. Para além disso, nota-se neste parágrafo um processo de individualização do dizer ainda mais pronunciado, o autor faz uso da primeira pessoa do singular “incentivo”.

Há no trecho uma ideia de concessão “mesmo que seja aqui na Coletividade Evolutiva” que é utilizada para reforçar o posicionamento do autor que defende que é preciso desconfiar de tudo o que é dito, escrito ou mostrado. Nesse sentido, é possível considerar que o autor reconhece que em seu espaço de informação pode haver a veiculação de informações incorretas/inverdades/ (des)informação.

4º parágrafo: Mas o mais importante, nós o encorajamos a seguir sua intuição. Só você sabe o que é ideal para você, então, porque não fazê-lo, seja e viva!

Há neste parágrafo uma sequência argumentativa voltada à persuasão do leitor. Conforme nos desvela Reizábal (1999, in Marquesi e Passareli, 2022):

o persuadir recorre a emoções, interesses pessoais, desejos e motivações pessoais, subjetividade, casos, adesões, pelo uso de aspectos atinentes a orgulho, simpatia, cobiça, patrimônio, rivalidade, preconceitos.

Primeiramente, é importante observar que o trecho inicia com uma frase que estabelece uma noção de importância: "Mas o mais importante". Essa expressão sugere que algo relevante será abordado a seguir.

Em seguida, temos a frase "nós o encorajamos a seguir sua intuição". Aqui, o pronome "nós" indica que o texto está sendo escrito em uma perspectiva coletiva, representando a voz da Coletividade Evolutiva. O verbo "encorajar" transmite a ideia de incentivo e apoio aos leitores. A expressão "seguir sua intuição" enfatiza a importância de confiar em si mesmo e nas próprias percepções.

A frase continua com "Só você sabe o que é ideal para você". Essa afirmação reforça a noção de autonomia individual e conhecimento pessoal. A escolha lexical das palavras "só você" e "ideal para você" destaca a singularidade de cada pessoa e a importância de encontrar o caminho mais adequado para si mesmo. O texto encoraja

os leitores a confiarem em sua intuição e a viverem de acordo com suas próprias perspectivas e ideais.

Por fim, a frase conclui com a pergunta retórica "então, porque não fazê-lo, seja e viva!". Nesse caso, a estrutura interrogativa não busca uma resposta, mas reforça uma sugestão. O uso das palavras "fazê-lo" e "seja e viva" implica agir de acordo com a intuição e ser autêntico na busca da própria realização e felicidade.

No geral, esse trecho, por meio de escolhas linguísticas e estruturais, busca envolver o leitor de forma persuasiva, Ele busca criar uma conexão emocional com o leitor, estimulando reflexões e ações individuais.

5º parágrafo: Todo o conteúdo publicado neste site é um comentário ou opinião e está protegido pela Liberdade de Expressão Art. 5º e pelo Art. 220 da Constituição Federal. As informações contidas neste site são fornecidas apenas para fins educacionais e de entretenimento. Não se pretende que seja um substituto para aconselhamento profissional de qualquer tipo. coletividade-evolutiva.com.br, não é responsável pelo conteúdo escrito por autores colaboradores.coletividade-evolutiva.com.br não assume nenhuma responsabilidade pelo uso ou uso indevido deste material. O uso deste site indica sua concordância com estes termos e aqueles publicados aqui. Seu uso deste site constitui um acordo com nossos termos e condições. Todas as marcas comerciais, marcas registradas e marcas de serviço publicadas neste site são de propriedade de seus respectivos proprietários.

Importa destacar que este parágrafo se encontra, graficamente, apartado do restante do texto. E, para além disso, ele é apresentado em tamanho de fonte menor. Tal fato sugere uma escolha do autor em não destacar a informação ali presente.

Ainda que o site se apresente, inicialmente, como uma página onde se publica a verdade, neste parágrafo o autor declara que não pretende se um substituto para aconselhamento profissional de qualquer tipo e que não é responsável pelo conteúdo escrito por autores colaboradores. Reforça-se que todo o conteúdo do site é um comentário ou opinião. Ou seja, não há caráter científico naquilo que se divulga.

No 5º parágrafo, temos um texto que sugere uma tentativa dos administradores da página de se eximirem de qualquer responsabilidade sobre o conteúdo. Mas, para se compreender o porquê da formalização dessa postura prévia - ainda que em letras menores e mais discretas - é preciso tomar contato com o material divulgado na página. Para fins desse artigo, selecionamos alguns conteúdos relacionados ao autismo. Tais como:

TELEGRAM ANUNCIE AQUI NEWSLETTER GRPATIS

MENU

COLETIVIDADE EVOLUTIVA

BEM-ESTAR VACINA E COVID CONTROLANDO O CLIMA SOCIEDADE E GOVERNO CIÊNCIA E TECNOLOGIA

VACINAÇÃO

## Especialista do governo em vacinas, agora denuncia que vacinas causam autismo

Publicado por: Fabio Alves  
18/12/2019 - Em Vacinação

Compartilhe:

f t e p s in

NOS APOIE: DOAÇÃO

Essa reportagem começa da seguinte forma:

O Dr. Andrew Zimmerman está agora soando o alarme com a ligação entre vacinas e autismo , não surpreendentemente, a grande mídia permaneceu em silêncio claro, já que ela trabalha para essas corporações da indústria farmacêutica e de vacinas, sendo financiada para realizar propagandas de campanhas de vacinação em massa, além de ser uma cúmplice no encobrimento e manipulação de informações como estas quando não tem mais para onde se esconder.

(Coletividade Evolutiva. 2019. s.p)

O texto, iniciado com a citação da titulação de quem fará o anúncio: “Dr. Andrew Zimmermam”, busca chancelar, dessa forma, o que será comunicado a seguir. Em contraponto, faz-se a “denúncia” sobre a “postura silenciosa da grande mídia”,

motivada por, de acordo com o autor do texto, interesses financeiros que são priorizados em detrimento da segurança e da saúde da população. Nesse sentido, é possível perceber a busca pelo estabelecimento de uma relação antitética de bons (aqueles que anunciam) e maus (os denunciados).

A partir do segundo parágrafo, o autor credencia a jornalista americana, Sharyl Attkisson, que entrevistou o Dr. Zimmerman. Para isso destaca suas premiações

Ela já foi ganhadora cinco vezes do Emmy e ganhadora do RTNDA Edward R. Murrow. Anteriormente, ela era correspondente investigativa no escritório de Washington da CBS News e âncora substituta da CBS Evening News. (Coletividade Evolutiva. 2019. s.p)

É possível afirmar que, ainda que o autor da reportagem questione a ética da imprensa tradicional, ele reconhece sua credibilidade junto ao público leitor e faz uso disso para validar o que pretende comunicar. Em seguida, a narrativa é construída de forma a tentar provar a existência de uma organização orquestrada para esconder a “verdade” sobre a vacina. Entre os atores operadores dessa cena estariam: órgãos do governo, a indústria farmacêutica e a mídia tradicional.

É curioso que o mesmo site que tem um vasto material que questiona a validade das vacinas, também tem, entre os seus muitos anunciantes, a prefeitura de São Paulo, que utiliza o espaço para divulgar a sua campanha de vacinação contra Covid. Fica, aqui, o questionamento sobre quais critérios balizam a escolha dos espaços de divulgação utilizados pelas instituições, sejam elas públicas ou privadas. As imagens abaixo pretendem registrar que esse anúncio se dá de forma recorrente, ou seja, não se trata de um evento pontual.





(imagens extraídas do site coletividade evolutiva)

A descoberta da existência do espaço “Coletividade Evolutiva” se deu durante a pesquisa sobre fake news e autismo. A iniciativa constava como uma página difusora de fake news relacionadas à saúde, em uma matéria publicada no site do Dr. Dráuzio Varella. Na checagem que denunciava a fake news, foi apresentada a DROPS, primeira plataforma brasileira dedicada exclusivamente a checar o grau de veracidade de notícias sobre saúde. O processo de checagem se dá a partir da comparação dos dados apresentados na matéria e as evidências científicas registradas em publicações indexadas e de referência. A checagem em questão versa sobre a afirmação do Coletividade Evolutiva de que o alumínio presente em vacinas faz com que se desenvolva o autismo.

QUEM DISSE? Site “Coletividade Evolutiva”<sup>1</sup>

O QUE DISSE? “Estudo confirma que alumínio nas vacinas causa autismo”

QUANDO DISSE? 12/03/2019

CHECAGEM: FALSO

(imagem retirada do site do Dr. Dráuzio Varella)

Para confirmar que se trata de uma informação falsa, a agência de verificação busca esclarecer quais são os componentes das vacinas e, para além disso, destacar que o alumínio aparece como coadjuvante, utilizado de forma criteriosa e controlada, que tem a função de melhorar o sistema imunológico. Em seguida, a agência recorre à fundação americana Autism Science Foundation para reforçar que não há evidência científica que associe as vacinas ao desenvolvimento do TEA.

O site Coletividade Evolutiva apresenta textos do gênero “notícia”, construídos em prosa. Tais textos apresentam uma estrutura dissertativa-argumentativa que, por vezes, lança mão de passagens expositivo-explicativas. Tal estratégia pode ser compreendida como uma forma de sustentação da narrativa do texto, supostamente, sustentada pela ciência. Para Adam (2008), “enquanto unidade textual, toda narrativa corresponde, na verdade, idealmente à definição mínima que podemos dar da textualidade: sequência de proposições ligadas progredindo para um fim”. O autor desvela que há seis estruturas que suportam toda narrativa, são elas: a sucessão de acontecimentos; um processo com início, meio e fim; a unidade temática; a presença de um ator-sujeito de destaque; a transformação das características do sujeito (predicação); uma intriga que sustenta os fatos; e, por fim, uma moral que conclui o argumento, podendo aparecer de forma explícita ou não.

## **6.2- A análise do texto**

O homem é um ser comunicativo e constrói seus textos a partir de suas intencionalidades. Assim, a sequenciação do plano de texto é formada pelas partes que ajudam a construir a unidade de sentido, a partir da realização de um contexto. Adam (2008) define essa sequenciação como configuracional, uma unidade semântica e pragmática. Nesse sentido, as matérias disponibilizadas no site Coletividade Evolutiva seguem a segmentação de proposições, enunciados e períodos, de forma que dão a ideia de que há sentido no texto, pois os argumentos apresentam-se de forma organizada. Nesse sentido, é possível afirmar que o encadeamento dos argumentos, em uma sequência narrativa lógica, corrobora com percepção de que se trata de uma notícia e não de uma fake News. Cabe destacar que, conforme nos desvela Bakhtin,(1993) essa escolha de proposições se dá de forma racional privilegiando os dados que corroboram com o ponto de vista que se pretende defender.

Ao considerarmos a representação discursiva, que trabalha com o conteúdo referencial que revela a imagem do enunciador do discurso e do seu interlocutor, é possível constatar que as palavras são escolhidas e se organizam de forma que a estrutura do plano textual favorece a defesa da tese do enunciador, que escolhe o que será dito sobre o autismo, de forma a levar o leitor a construir uma imagem sobre o sujeito autista. A imagem sugerida pela página reinterpreta o transtorno de forma a transformá-lo em um efeito colateral de remédios, vacinas e/ou procedimentos médicos. Novamente, faz-se necessário destacar que essa reinterpretação ocorre por, de alguma maneira, o discurso encontrar no interlocutor um espaço de confirmação de crenças pré-existentes.

O sujeito alvo das notícias é impessoalizado – o autista. Observa-se que o locutor utiliza o seu texto de forma reforçar a imagem de que o autismo é uma consequência. Dessa forma, é uma condição que pode e deve ser evitada. Há, portanto, uma representação discursiva que atribui uma ideia negativa ao transtorno.

Nesse sentido, a página “Coletividade Evolutiva” que se apresenta como um espaço de divulgação da verdade e do pensamento crítico e busca estabelecer-se com uma figura de autoridade no campo de publicação de conteúdos opinativos vai de encontro ao seu propósito declarado, pois opera como um agente da desinformação e do negacionismo científico.

As estratégias persuasivas utilizadas para engajar o leitor e o conclame para que se busque a verdade não inclui o sujeito autista, repetidamente rotulado como um efeito colateral de diferentes causas.

Os recursos retóricos, como a repetição de termos, tais como: "liberdade humana", "dever de informar", "desafio de superar", "trazer informações", servem para enfatizar esses conceitos e gerar impacto no leitor que, ao identificar com o discurso ali defendido, se sente representado por ele. Também se percebe a recorrência de pronomes. O texto faz uso frequente de pronomes de primeira pessoa do plural, como "nós", "nosso", "nos", com o objetivo de criar uma identificação com o leitor e estabelecer um senso de comunidade e pertencimento.

A estrutura global do texto de apresentação da página e suas relações com o contexto sociocultural busca estabelecer uma identidade institucional e transmitir seus valores e propósitos para o público. O texto está inserido em um contexto mais amplo de liberdade de expressão e direitos constitucionais, como mencionado nas referências aos Art. 5º e 220. O objetivo geral do texto é apresentar-se como uma

fonte confiável de informação, que desafia o pensamento, busca a verdade e visa promover a evolução pessoal e social. A página Coletividade Evolutiva se apresenta como um espaço que busca trazer informações imparciais e desafiadoras, que vão além dos preconceitos e que visam a educação e evolução do leitor. Esse posicionamento pretende refletir uma postura crítica e reflexiva, com o objetivo de promover o pensamento autônomo e a busca pela verdade. Mas, ao lermos as matérias divulgadas no blog, esse objetivo não se concretiza. Como pode ser observado nas matérias selecionadas para este artigo, a página se comporta como mais um espaço voltado para a divulgação de (des)informação, negacionismo e disseminação de preconceito.

Quanto à análise sociocognitiva, a página, em sua apresentação, considera as relações entre diferentes discursos presentes na sociedade. No texto do Coletividade Evolutiva, encontramos referências à Constituição Federal, estabelecendo um diálogo com o discurso jurídico e político. Essa referência visa legitimar as ações do blog e reforçar a importância da liberdade de expressão.

## 7. Preconceito, notícias falsas e discriminação contra o autista: Análise de novos casos

Optamos, para manutenção do registro fiel, por transcrever os casos de preconceito e de intolerância contra os corpos autistas tal como foram publicados na mídia, para não incorrerem em interpretações subjetivas.

### 7.1- Caso 1-



The screenshot shows the header of the Alesp website. At the top, there are navigation links: "SOBRE O PORTAL", "CENTRAL DE ATENDIMENTO", and "EXTRANET". On the right, there are social media icons for Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram, YouTube, and WhatsApp. The main header features the Alesp logo (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo) and a search bar with the text "Buscar no site". Below the header is a horizontal menu with the following items: "INSTITUCIONAL", "DEPUTADOS", "PROCESSO LEGISLATIVO", "COMISSÕES", "LEGISLAÇÃO", "DOCUMENTAÇÃO", "COMUNICAÇÃO", and "TRANSPARÊNCIA". The breadcrumb trail below the menu reads "Início / Comunicação / Notícias". The main heading of the article is "Mãe denuncia preconceito contra filha autista dentro de ônibus". At the bottom of the screenshot, there is a small disclaimer: "As matérias da seção Atividade Parlamentar são de inteira responsabilidade dos parlamentares e de suas assessorias de imprensa. São devidamente assinadas e não refletem, necessariamente, a opinião institucional da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo."

28/10/2021 12:51 | Atividade Parlamentar | Da assessoria do deputado Murilo Félix

Compartilhar:    



## Notícias relacionadas

- Opinião - Até quando as chuvas de verão vão trazer dor, desespero e morte para nossa população?
- Município de Jandira recebe recursos
- Servidores voltam a se mobilizar contra o Sampaprev
- Audiência pública contra o Escola sem Partido
- Alesp recebe deputados eleitos
- Incentivo ao turismo no estado
- Estado aguarda documentação para construir Fatec em Suzano
- Alesp aprova vistoria em refinaria de petróleo

## Notícias mais lidas

- Alesp aprova salário mínimo paulista de R\$ 1.550 e inclui categoria de cuidadores de idosos
- Após aprovação pela Alesp, novo salário mínimo paulista é sancionado pelo governador

Uma criança de três anos, que reside em Limeira, venceu, ontem (26), uma barreira imposta pelo Transtorno de Espectro Autista (TEA): entrou pela primeira vez em um ônibus do transporte coletivo. Mas o que era para ter sido um dia de superação, transformou-se em dor porque a barreira do preconceito não foi superada.

A mãe da menina, Sirlene Romero, fez um desabafo em um grupo de familiares de pessoas com TEA, criado pelo deputado estadual Murilo Félix (Podemos), e pediu ajuda para que mais nenhuma pessoa passe pelo que a filha passou. "O autista tem muita dificuldade de socialização, mas minha filha havia superado esse desafio e entrou normalmente no ônibus. Estava tão calma que começou a cantar uma música infantil", conta. Mas foi exatamente essa espontaneidade da menina que provocou a reação de uma mulher que usava o transporte coletivo. "Ela começou a gritar para eu fazer minha filha parar de cantar". Nem mesmo quando Sirlene alegou que a criança é autista, a passageira incomodada com a música mudou de conduta. "Pelo contrário. Ainda mais alterada, ela disse que não importava, que ela havia pago a passagem dela".

No meio da confusão, a criança começou a ficar extremamente nervosa, a mãe em prantos e outros passageiros indignados. "Foi horrível. Minha prioridade naquele momento foi tentar acalmar minha filha, mas eu mesma estava em prantos". De acordo com a mãe, uma passageira alertou o motorista, que teria decidido prosseguir o caminho até o terminal urbano para acionar o fiscal, mas sem paradas em novos pontos pelo trajeto. "Pelo que conversei com a mãe, a menina teve uma crise aguda depois em casa. Jogou-se ao chão, bateu-se inúmeras vezes, vomitou, dentre outras reações impostas, não pelo autismo necessariamente, mas pelo preconceito e despreparo da sociedade para conviver com as diferenças", declara Murilo Félix.

"Trouxe essa situação humilhante à tona porque sei a dor que passamos e sei do trauma que isso representa para uma criança autista, que estava avançando em seu tratamento e agora pode retroceder".

Além do grupo criado pelo deputado Murilo Félix com 90 participantes, ela expôs a situação nas redes sociais e fez boletim de ocorrência.

O parlamentar repudiou a conduta da passageira que agiu com preconceito e discriminação e reiterou seu compromisso de lutar pelos autistas não somente com recursos, mas também com ações pautadas pelos relatos de familiares, como esse. "Isso é inaceitável, dói saber, dói imaginar o que essa mãe e essa criança passaram naquele momento", declara.

Murilo já apresentou vários projetos de lei que contemplam as demandas dos autistas em todo o Estado de São Paulo, destinou recursos para Limeira para ampliação do atendimento e reforçou que esse episódio registrado dentro de um ônibus mostra que a luta contra o preconceito ainda tem muitos desafios pela frente. "A luta pela inclusão precisa sair da teoria". Também voltou a defender a carteira de identificação, conforme previsto em um dos seus projetos, para a identificação das pessoas portadores de TEA em todo o território paulista.



(imagens extraídas do site Alesp Assembleia legislativa do estado de São Paulo <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=430473> )



## 7.2- Caso 2

917 Ouça a rádio Garça, Cabelo e Elgo...

O TEMPO ASSINE ENTRAR

ÚLTIMAS CIDADES ESPORTE POLÍTICA ENTRETENIMENTO BRÁSILIA ECONOMIA CANAL O TEMPO PODCASTS CLASSIFICADOS PROMOÇÕES

VENDA NOVA

## Homem mata pai de criança autista após se irritar com buzina em bar de BH

Suspeito não gostou do barulho, prometeu 'resolver a situação' com o conhecido e efetuou quatro disparos; após o crime ele fugiu e não foi mais visto

Por Vitor Fôrneas Publicado em 26 de fevereiro de 2023 | 12h10 - Atualizado em 27 de abril de 2023 | 10h33

WhatsApp Facebook Twitter LinkedIn 9



Ocorrência foi encerrada na Delegacia de Plantão de Venda Nova — Foto: Reprodução / Google Street View



Um homem de 40 anos foi morto a tiros após se desentender com um conhecido, de 30, num bar no bairro Vila São João Batista, na região de Venda Nova, em Belo Horizonte, nesse sábado (25). O homicídio teria ocorrido pelo fato do suspeito ter se irritado com o filho da vítima, uma criança autista, ter apertado a buzina do carro.

Uma testemunha contou que estava no estabelecimento e que os clientes jogavam baralho e tomavam cerveja. De repente, um desentendimento começou por causa do barulho da buzina. O suspeito não estava gostando do barulho provocado pela criança autista.

O homem foi embora do bar, mas ameaçou a vítima dizendo que iria voltar para "resolver a situação". Mais tarde, ele cumpriu a promessa e atirou no homem várias vezes a curta distância, o que impediu a defesa. O baleado foi levado ao Hospital Risoleta Neves. O estado de saúde era grave e estava inconsciente quando deu entrada. Ele acabou morrendo.

Os disparos foram no crânio, no dorso e no abdômen. Uma outra pessoa, que presenciou o crime, disse que o suspeito agiu como covarde, pois ele era vizinho da vítima e cresceu junto com ela. O responsável pelos disparos fugiu e não foi localizado até o encerramento da ocorrência na Delegacia de Plantão de Venda Nova.



(imagens extraídas do site O TEMPO <https://www.otempo.com.br/cidades/homem-mata-pai-de-crianca-autista-apos-se-irritar-com-buzina-em-bar-de-bh-1.2820144> )

### 7.3- Caso 3

Alexsandra Menaguali Lima procurou a polícia para registrar queixa contra uma academia em Copacabana que teria se recusado a matricular seu filho, Augusto Menaguali Lima, de 22 anos, diagnosticado com autismo, como revelou o colunista Ancelmo Gois, em seu blog no GLOBO.

**“Na hora que eu falei a palavra autismo, eles recusaram. Ninguém me perguntou o suporte, nível, nada. Eu nunca vi isso.”** Alexsandra Menaguali Lima, mãe de jovem autista

A justificativa de um funcionário do estabelecimento para a recusa foi direta: a matrícula não seria possível, pois a casa já tinha tido “problemas com autistas”. O caso vivido por Alexsandra e Augusto está longe de ser isolado. Em busca de uma aula de natação para o filho, Élide Costa Brito, de 51 anos, já teve matrícula do pequeno Gael, de 7 anos, recusada em uma academia de Laranjeiras:

— É tão comum acontecer situações como essa... Meu filho foi fazer uma avaliação, e o professor disse que ele era muito agitado. As pessoas não estão preparadas para receber autistas. É preciso que essa mentalidade mude, as pessoas precisam mudar, estudar mais sobre o assunto. Ainda há muito preconceito.

As pessoas não estão preparadas para receber autistas. É preciso que essa mentalidade mude, as pessoas precisam mudar, estudar mais sobre o assunto. Ainda há muito preconceito. (Élide Costa Brito, mãe de um menino autista)

De modo geral, esses e outros casos, exemplificam que:

Os discursos intolerantes, portanto, consideram o “diferente” como aquele que rompe pactos e acordos sociais, que profana o grupo em que está “misturado”, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente, feio e imoral, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido com a triagem por exclusão (Barros, 2019, p.2)

## 8. O que cabe à escola: Do ensino-aprendizagem da leitura dos textos na internet ao desvelamento da mentira que os fundamenta.

No contexto midiático atual, ainda que bem iniciático, há um debate sobre o que denominam Educação Midiática, que surge exatamente para formar alunos em

condições de saberem filtrar informações e com senso crítico sobre o que lhes chega pelas redes sociais, enfim, preparar os alunos para agirem como participantes ativos em uma sociedade digital. Para isso cabe à escola investir na formação dos seus docentes, dos seus educadores para que possam desenvolver em seus alunos a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar conteúdos na internet. De acordo com a BNCC(2018), é preciso desenvolver a cultura digital:

envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica (Brasil, 2018,P.474)

Resumidamente, apostamos na necessidade de alguma direções sem as quais a escola tende a não cumprir a sua função social, que é a de preparar seus sujeitos para viverem na contemporaneidade, em processo de humanização permanente.

- a) a da discussão do preconceito e da intolerância em relação aos usos da linguagem, à variedade linguística empregada, às diferentes línguas, aos analfabetos e iletrados;
- b) a do exame dos discursos intolerantes que perpassam o material de ensino de língua e de literatura, aí incluídos os dicionários e as gramáticas;
- c) a do debate sobre o lugar e o papel do professor, como sujeito do saber, na construção de discursos de aceitação e inserção social e no de desqualificação e apagamento dos discursos intolerantes e preconceituosos.
- d) a da determinação explícita do papel da escola na construção dos discursos de inserção social

Vale lembrar que o gênero leitura crítica de mídia tem se constituído como elemento propício para pensar práticas de intervenção nas formas de conhecer o mundo, além de conceber dimensões de trocas democráticas capazes de complexificar as leituras dos modelos de representação presentes nos meios de comunicação. No entanto, infelizmente, ainda não existem, no Brasil – e também em muitos outros países –, reflexões e estratégias consolidadas de abordagem dos



meios de comunicação em suas interfaces com o ensino e o ambiente escolar, como destacam MOREIRA e PINTO(2020). Este trabalho expressa um pouco do esforço de preencher lacunas conceituais e pedagógicas nesse turbilhão de gêneros discursivos, que, para o bem ou para o mal, circulam nas redes sociais.

Do ponto de vista das práticas pedagógicas é preciso que Políticas Públicas de Formação dos Professores e de acesso a bens digitais sejam direito das escolas e dos professores e dos alunos. Cabe ao professor mediar a leitura, o debate e a checagem de notícias em portais de credibilidade nacional e internacional. Construir força de interrogação sobre o que chega como notícia: é real? É inventado? Para favorecer ou desfavorecer quem e o quê? É só checando, só desenvolvendo essa competência que a muitos humaniza e enriquece.

Abaixo, principais Portais de Checagem de Fakenews à disposição dos internautas:

1. Fato ou Fake : <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>
2. Lupa : <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>
3. Aos Fatos : <https://aosfatos.org/>
4. Pública : <https://apublica.org/>
5. FakeCheck : <http://nilc-fakenews.herokuapp.com/>
6. Boatos : <https://www.boatos.org/>
7. E-Farsas : <http://www.e-farsas.com/>
8. Comprova: <http://projeto comprova.com.br>

As relações entre intolerância, preconceito e escola têm, assim, mão dupla, pois, se o conhecimento sobre os discursos intolerantes ajuda a repensar o ensino, sem a escola as mudanças discursivas e sociais propostas não acontecem ou não alcançam os objetivos pretendidos.

## **Breves Considerações**

Este trabalho teve o objetivo de refletir sobre como o plano de texto e o contexto de uma página que se autodenomina espaço de divulgação da verdade e do fortalecimento do pensamento crítico pode favorecer a estigmatização do sujeito autista, ao divulgar matérias que perpetuam o preconceito sobre o TEA, a fim de compreender o impacto dessa desinformação na realidade dos sujeitos diagnosticados dentro do espectro e o consequente comprometimento da sua inclusão social.

Assume-se que o homem é um ser comunicativo e constrói seus textos a partir de suas intencionalidades. Assim, a sequenciação do plano de texto é formada pelas partes que ajudam a construir a unidade de sentido, a partir da realização de um contexto. Adam (2008) define essa sequenciação como configuracional, uma unidade semântica e pragmática. Nesse sentido, as matérias disponibilizadas no site Coletividade Evolutiva seguem a segmentação de proposições, enunciados e períodos, de forma que dão a ideia de que há sentido no texto, pois os argumentos apresentam-se de forma organizada. Nesse sentido, é possível afirmar que o encadeamento dos argumentos, em uma sequência narrativa lógica, corrobora com percepção de que se trata de uma notícia e não de uma fake News. Cabe destacar que, conforme nos desvela Bakhtin(1993), essa escolha de proposições se dá de forma racional, privilegiando os dados que corroboram com o ponto de vista que se pretende defender.

Ao considerarmos a representação discursiva, que trabalha com o conteúdo referencial que revela a imagem do enunciador do discurso e do seu interlocutor, é possível constatar que as palavras são escolhidas e se organizam de forma que a estrutura do plano textual favoreça a defesa da tese do enunciador, que escolhe o que será dito sobre o TEA, de forma a levar o leitor a construir uma imagem sobre o sujeito autista. Importa destacar que tal construção encontra no interlocutor um espaço de confirmação de crenças pré-existentes. Observa-se que o locutor utiliza o seu texto de forma reforçar a imagem de que o autismo é uma consequência. Dessa forma, é uma condição que pode e deve ser evitada. Há, portanto, uma representação discursiva que atribui uma ideia negativa ao transtorno.

Nesse sentido, a página “Coletividade Evolutiva” que se apresenta como um espaço de divulgação da verdade e do pensamento crítico e busca estabelecer-se

com uma figura de autoridade no campo de publicação de conteúdos opinativos vai de encontro ao seu propósito declarado, pois opera como um agente da desinformação e do negacionismo científico.

As estratégias persuasivas, adotadas no texto de apresentação, são utilizadas para engajar o leitor e o conclame, ali presente, para que se busque a verdade não inclui o sujeito autista, repetidamente rotulado como um efeito colateral de diferentes causas. A estrutura global do texto de apresentação da página e suas relações com o contexto sociocultural busca estabelecer uma identidade institucional e transmitir seus valores e propósitos para o público. O objetivo geral do texto é apresentar-se como uma fonte confiável de informação, que desafia o pensamento, busca a verdade e visa promover a evolução pessoal e social. Mas, ao lermos as matérias divulgadas no blog, esse objetivo não se concretiza, uma vez que a página se comporta como mais um espaço voltado para a divulgação de (des)informação, negacionismo e disseminação de preconceito.

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (Recuero,2009, p. 24). Esse estudo pretendeu focar que a não-aceitação das diferenças, caracterizada por manifestações de ódio , de desprezo e de intolerância, deve ser objeto de ensino nas escolas, num mundo cada vez mais polarizado e cada vez menos, humanizado.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J. A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passegi, João Gomes da S. Neto, Eulália Vera Lúcia Leurquin. Revisão técnica: Luís Passegi e João Gomes da S. Neto. São Paulo: Cortez, 2008.
- ALVES, Rubem. 2º encontro pedagógico de escolas Municipais de Fortaleza ,2019
- BAKTHIN, M. M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Algumas reflexões sobre o papel dos estudos linguísticos e discursivos no ensino-aprendizagem na escola. Estudos Semióticos.Revista USP, São Paulo, vol. 15, n. 2, dez.,2019.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.Tradução: João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de EducaçãoJan/Fev/Mar/Abr 2002 N° 19
- BRASIL, Base Nacional Curricular Comum, DF, Ministério da Educação. 2018.
- CAMPOS, Camila Amorim. Os *corpos-autistas* no 1º ano do Ensino Fundamental: currículo com práticas de leitura. Trabalho de conclusão curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto. Faculdade de Letras, UFMG, BH, MG, 2021, p.24
- Carnielli. Walter. Pensamento crítico, fatos e 'fake news': a ciência e a arte de evitar pensar tortuosamente. **Revista Presença Pedagógica. BH, EDIÇÃO 148 | ANO 23 | janeiro | 2019, p.17**
- D'ANCONA, M. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. 1.ed. São Paulo: Faro Editorial, 2018
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. RJ, Paz e Terra, 2018
- HERNANDES, Nilton. A mídia e seus truques: o que o jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAGRI, M. LOCATELLI, R. G. Fake News: uma perspectiva para além de verdades e mentiras. VERBUM. v. 9, n. 2, p. 116-130, set. 2020.
- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- MASSCHELEIN. Jan E-ducando o Olhar:a necessidade de umapedagogia pobre. Revista Educação & Realidade - Faculdade de Educação - UFRGS. Porto Alegre - RS -, jan/jun 2008. P.42

MAGRI, M. LOCATELLI, R. G. Fake News: uma perspectiva para além de verdades e mentiras. VERBUM. v. 9, n. 2, p. 116-130, set. 2020.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MOREIRA, Rejane de Mattos; PINTO, Mylena Machado da Silva. Reflexões em torno da leitura crítica da mídia: imbricações entre comunicação, conhecimento e educação.. In: Anais da VIII Reunião Anual de Iniciação Científica (RAIC 2020) e II Reunião Anual de Iniciação em Inovação e Desenvolvimento Tecnológico (RAIDTEC 2020). Anais...(RJ) UFRRJ, 2020.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PONCE, J. O. e ABRÃO, J. L. F. Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. Estilos clin. [online]. 2019, vol.24, n.2 [citado 2022-06-19], pp. 342-357 . Disponível em: . ISSN 1415-7128.  
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v00i0p342-357>. Acesso em nov. 2022

VICENTINI, A Pedagogia Crítica No Brasil: A Perspectiva De Paulo Freire. Dayanne Vicentini (UEL). XV Semana de Educação. UEL(s/d)

WARDLE, Claire, HOSSEIN, Derakhshan. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Concil of Europe: Strasbourg, 2017.

RASQUEL, S. G. A Influência da dinâmica grupal nas formas de recepção, interpretação e disseminação das fake News nas redes sociais digitais. VERBUM. v. 9, n. 2, p. 92-115, set. 2020-

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

<https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/08/44percent-dos-brasileiros-dizem-receber-fake-news-diariamente-veja-pesquisa.ghtml>

<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/07/20/apesar-de-dezenas-de-leis-discriminacao-contras-pessoas-com-autismo-ainda-e-recorrente.ghtml>